MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLV
Edição: Academia das Ciências de Lisboa
Impressão: Gráfica 99
Data de impressão: 2024
ISSN: 0378-116X
Depósito legal: 61370/92
DOI: https://doi.org/10.58164/vxm6-9t68

Mário de Sá-Carneiro e a génese de Alberto Caeiro "mestre de vida" de Fernando Pessoa

Manuel Viegas Abreu

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA: O CONHECIMENTO ENTRE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO E FERNANDO PESSOA, OCORRIDO EM 1912, TERÁ INFLUENCIADO A "ELABORAÇÃO" DO HETERÓNIMO ALBERTO CAEIRO? APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA PARA A SUA RESOLUÇÃO

São múltiplos os indícios e os factos que nos permitem afirmar, com justificadas razões, que o processo de "elaboração" e "aparecimento" de Alberto Caeiro, o heterónimo primordial de Fernando Pessoa, mestre de todos os outros, e também do próprio criador, tem ligações íntimas e diversas à pessoa e à obra de Mário de Sá-Carneiro. Ligações diversas e tão íntimas que podemos igualmente afirmar que Alberto Caeiro foi gerado sob a influência de Mário de Sá-Carneiro. Sem Mário de Sá-Carneiro, Alberto Caeiro não seria o que veio a ser: mestre de vida, guia, médico, libertador, terapeuta, anjo protector, "agente de salvação do viver quotidiano".

Foi o próprio Fernando Pessoa quem confessou com poético fingimento, na sua pessoalíssima maneira de dizer "às avessas" o que muito a sério pretendia dizer, estar a invenção de Alberto Caeiro associada a uma deliberada intenção dirigida a Sá-Carneiro. Encontra-se esta confissão na célebre carta de 13 de Janeiro de 1935 que Fernando Pessoa escreveu a Adolfo Casais Monteiro, procurando dar-lhe a desejada explicação sobre a génese dos heterónimos, na sequência de um pedido que este curiosamente lhe formulara.

São várias as revelações a que a carta dá acesso. A primeira é-nos dada neste passo:

> *"Aí por 1912" […] "Ano e meio, ou dois anos, depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico de espécie complicada e apresentar-lho, já não me lembro bem como, em qualquer espécie de realidade."*

Uma segunda revelação, igualmente iluminadora, surge no passo seguinte:

"Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título "O Guardador de Rebanhos". E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim, o meu mestre. Foi esta a sensação imediata que tive."

Um pouco mais adiante temos a terceira revelação:

"Aparecido Alberto Caeiro tratei logo de lhe descobrir — instintiva e subconscientemente — uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo, o Ricardo Reis latente, dei-lhe um nome e ajustei-o a si mesmo […] E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um outro individuo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos — a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem."

A importância da revelação do primeiro passo assinalado decorre de Fernando Pessoa ter nele registado a referência explícita e intencional a Sá-Carneiro.

Pela revelação do segundo passo ficamos a saber que a "elaboração do poeta" foi um processo difícil e demorado a ponto de Fernando Pessoa ter chegado a desistir. Porém, no dia em que desistira, eis que, de súbito, a longa gestação deu fruto: o procurado "poeta bucólico" fez a sua" aparição". Apareceu no final de um processo de produção de escrita com mensagem definidora da sua missão: a de ser Mestre. A referência ao processo de ter escrito de jacto os trinta e tantos poemas de "O Guardador de Rebanhos" tem sido abundantemente glosada e debatida, mas é de todas a que para o nosso propósito menos interesse comporta. Trata-se sem dúvida da descrição de um estado emocional propício a uma modalidade de criação artística, que o próprio Fernando Pessoa qualificou de "êxtase" de natureza indefinível, o que permite a alguns críticos interpretá-la como próxima do processo de "escrita automática" e outros como um processo

decorrente da sua hipersensibilidade histero-neurasténica, diagnóstico que a si mesmo se atribuiu na "parte psiquiátrica da carta". E essa hipersensibilidade, segundo a auto- análise de Pessoa, é propícia a provocar "explosões" mentais, voltadas "para dentro", costumando acabar em " silêncio e poesia."

Por fim, a revelação do terceiro passo citado indica que o aparecimento de Alberto Caeiro foi seguido do aparecimento de dois outros poetas que de imediato foram considerados seus discípulos. Para qualquer Mestre, ter apenas um discípulo é muito pouco. Fernando Pessoa não se viu como único discípulo de Alberto Caeiro. Não tendo ainda tempo de o apresentar a Sá-Carneiro, como gostaria e projectava fazê-lo "em qualquer espécie de realidade", criou Ricardo Reis e Álvaro de Campos, compondo "uma coterie inexistente". E a propósito de Álvaro de Campos, surge a reiteração do processo de escrita "de jacto", "sem interrupção nem emenda" da *Ode Triunfal*, em tudo idêntico ao modo como Pessoa escrevera os poemas de *O Guardador de Rebanhos.*

Os estudiosos da explicação da génese dos heterónimos têm, em larga maioria, incidido a sua atenção na descrição que Fernando Pessoa fez do processo de escrita criativa que o impeliu a escrever poemas do modo como diz tê-lo feito e a "inventar" poetas inexistentes a quem deu nomes e biografias como se existentes fossem. O mistério em que todo esse processo estava envolto tinha os ingredientes para atrair a curiosidade de muitos investigadores na tentativa de apreender as características da criação literária dos poemas e dos heterónimos. E esta atenção, sem dúvida justificável, colocou na sombra a referência inicial a Mário de Sá-Carneiro. Há, no entanto, algumas excepções de investigadores pessoanos para os quais esta referência não é de somenos importância. Por isso, e para o objectivo que temos em vista, importa analisar a sua posição.

2. "PARTIDA" OU "INTENÇÃO SÉRIA"? TRÊS POSIÇÕES ACERCA DA APROXIMAÇÃO ENTRE SÁ-CARNEIRO E ALBERTO CAEIRO E A NECESSIDADE DE IR MAIS ALÉM

Na carta a Adolfo Casais Monteiro, terminada a explicação da "origem orgânica" do seu heteronimismo, Fernando Pessoa inicia a "a história directa" dos seus heterónimos. E é no meio desta "história" que aparece a referência a Mário

de Sá-Carneiro, referência breve, fugidia, quase irrelevante, envolta numa casual lembrança de lhe "fazer uma partida", simples brincadeira entre amigos, um acto aparentemente lúdico.

Um dos primeiros investigadores pessoanos a reconhecer que a referência ao propósito "de fazer uma partida a Sá-Carneiro" mascarava um outro propósito, certamente mais sério do que a lembrança deixava transparecer, foi Maria Helena Nery Garcez, num artigo intitulado "Fernando Pessoa leitor de Mário de Sá-Carneiro", publicado em 1988, na revista *Remate de Males* de Campinas e também na *Nova Renascença*, do Porto.

No artigo citado, a autora defende a tese de que Caeiro foi laboriosamente concebido para ser o contraponto de Mário de Sá-Carneiro:

> *"Sá-Carneiro entrou como uma coordenada fundamental na génese do heterónimo Alberto Caeiro e o longo e polémico ensinamento que o Mestre desenvolve nas três partes da sua obra [mas principalmente, talvez, nos trinta e tantos primeiros poemas, escritos a "fio", como que em "êxtase",] constituem uma espécie de contraponto aos textos do poeta do "Quase"*

Com base na análise das relações inter-textuais, Maria Helena Garcez identifica três "oposições" entre Alberto Caeiro e Sá-Carneiro. A primeira grande oposição é entre o *poeta bucólico*, amante dos campos, guardador de rebanhos, que Alberto Caeiro consubstancia, e o *poeta urbano,* apaixonado pela vida trepidante das grandes cidades, frequentador assíduo de teatros e cafés, que Sá-Carneiro sempre sonhou ser. A segunda oposição põe frente a frente o *poeta da dispersão*, da inquietante procura de si mesmo, do desprezo pela vida e pela natureza na ambiciosa busca da Beleza pela Poesia, por um lado, e o *poeta da união* do eu e da natureza, confiante em si mesmo, sem ambições nem desejos, em tranquila e saudável convivência com a novidade real de cada dia. A terceira oposição verifica-se entre o *poeta do tédio*, do cansaço de ver sempre o espetáculo repetitivo da sucessão dos dias sem a aparição do novo e o *poeta da alegria* tranquila decorrente da nova arte de ver a "eterna novidade do Mundo" em cada dia.

Antes de formular a pergunta final, em modo heurístico de "hipótese-quase-tese", a autora faz um parêntesis para confirmar ter atribuído a Alberto Caeiro a designação de "místico materialista" num estudo anterior fundada na

aproximação da atitude perante a natureza de S. Francisco de Assis e de Alberto Caeiro, com base na análise das relações intertextuais de um e de outro. A confirmação decorre da "valorização das pequenas coisas" comum a Alberto Caeiro e a Teresa de Lisieux, a mística francesa que, em oposição à mentalidade dos escritores decadentistas do final do século XIX, descobre "o valor das coisas simples", alcançando por esta via "a infância espiritual" que é também vivenciada pelo nosso guardador de rebanhos. Segundo Maria Helena Garcez, Alberto Caeiro seria simultaneamente "místico" e "materialista". "Místico" pela admiração ou "espanto original" perante a Natureza e pela comunhão amorosa com as coisas simples que ela oferece. "Materialista" porque Caeiro não dá sinal algum de ter uma visão da vida em que a transcendência faça sentido. Tal como um riacho ou uma árvore, Caeiro vive a imanência das coisas naturais Por contraste em relação a Caeiro, Mário de Sá-Carneiro vive uma sensibilidade inquieta e, tal como os decadentistas, "doente do Novo" lança-se na ansiosa esperança de O encontrar, explorando, segundo o modelo baudelairiano, os abismos do mundo interior e os mistérios da Realidade. E é neste contexto que, a terminar, deixa a pergunta:

> *"Alberto Caeiro seria precisamente uma "partida" ao Sá-Carneiro ou seria uma espécie de antídoto que Pessoa lhe oferecia, ao mesmo tempo que o oferecia ao ortónimo ou a Álvaro de Campos, a Bernardo Soares e a todos os "doentes" da virada do século?"*

Lançada em jeito de hipótese, a pergunta ficou sem resposta ou com resposta suspensa, como que a convidar os leitores a pensar nela e a procurar dar-lhe solução. Aberta uma senda heurística prometedora foi pena que Maria Helena Garcez não a tenha explorado em perspetivas diferentes daquela que a levou à formulação da pergunta atrás citada: a do contexto da "mentalidade dos decadentistas finiseculares". Outras perspetivas, certamente convergentes com esta, poderiam dar uma maior consistência à hipótese de que a intenção de Fernando Pessoa ao criar Alberto Caeiro, com as características de Mestre e a obra recheada de ensinamentos-guias de vida, não foi a de "fazer uma partida" a Sá-Carneiro, mas a de lhe sugerir uma opção de vida diferente, e não apenas no plano literário, susceptível de dar outro destino ao "fim" que os poemas, os contos e as cartas do primeiro período de Paris prenunciavam e em relação ao qual o amigo não podia deixar de manifestar grande preocupação.

Uma posição diferente da defendida por Maria Helena Garcez e que, em síntese, acabámos de apresentar e avaliar, foi muito sumariamente exposta por Richard Zenith (2001) no posfácio à edição de *Poesia* de Alberto Caeiro. A aproximação que este investigador faz entre Caeiro e Sá-Carneiro tem como tópico central a referência ao confessado propósito de Fernando Pessoa pretender "fazer uma partida" ao Sá-Carneiro. Mas não esclarece em que consistiria a "partida", sugerindo que ela teria algo a ver com a similitude fónica entre os dois nomes Caeiro e Sá-Carneiro. Em tom jocoso, Richard Zenith comenta: "*O nome* Caeiro *é, por assim dizer,* Carneiro *sem a carne, para um pastor cujos carneiros foram espiritualizados em pensamentos…"* E de imediato acrescenta *"Uma boa partida e uma elevada homenagem"*. Sendo assim, para Richard Zenith nem a pessoa de Mário de Sá-Carneiro nem a sua obra teriam tido qualquer impacto na génese de Caeiro. A génese do heterónimo teria outra raiz e um propósito cujo destinatário seria o próprio Pessoa:

> *"Sabemos hoje que a heteronímia não foi um mero artifício literário […] mas sim um fenómeno enraizado na psicologia do autor que já em criança se desdobrava noutras personalidades, sendo Charles Robert Anon e Alexander Search os seus primeiros heterónimos. Mas a criação de Caeiro marcou uma viragem."*

Lembra Richard Zenith que a importância desta viragem é sublinhada por Pessoa ao dizer, pela voz do "semi-heterónimo" António Mora, que "*De Caeiro nasce tudo. Nele o futuro está todo, como a árvore na semente*". Com efeito, o dia 8 de Março de 1914, em que Caeiro faz a sua aparição, é por Pessoa considerado "o dia triunfal da sua vida". E logo Pessoa lhe atribui a missão de ser seu Mestre, para além de "guardador" dos seus pensamentos. E tanto Álvaro de Campos como Ricardo Reis, que Pessoa inventou para serem discípulos do "pastor bucólico", de igual modo o consideram Mestre, o "grande Libertador" e "revelador da Realidade". "*Mas Sá-Carneiro* — reconhece Richard Zenith — *não ligou ou não percebeu.*" E a verdade é que Mário de Sá-Carneiro admirou muito mais as "ânsias futuristas" de Álvaro de Campos e mesmo a "maravilha de impessoalidade" de Ricardo Reis do que o bucólico lirismo metafísico da poesia de Caeiro. O certo é que Sá-Carneiro nunca adoptou Caeiro como seu Mestre. E, todavia, anota ainda Richard Zenith, Fernando Pessoa aproxima a morte prematura de Caeiro da morte prematura de Mário de Sá-Carneiro. Na homenagem que destinou ao seu

amigo d'alma escreveu Pessoa em 1924: "morre jovem o que os deuses amam". Zenith faz notar que Pessoa *"oferece, pela boca de Ricardo Reis, a mesma explicação para o desaparecimento prematuro do "revelador da Realidade":*

Morreste jovem, como os deuses querem,
Quando amam."

Mas apesar do reconhecimento desta aproximação bastante significativa entre Caeiro e Sá-Carneiro, Richard Zenith manteve inalterada a sua interpretação acerca do propósito lúdico de Pessoa de "fazer uma partida ao Sá-Carneiro" inventando Caeiro, "um poeta bucólico de espécie complicada". Esta posição foi mantida não obstante Richard Zenith ter pouco antes citado a afirmação de Pessoa em carta a Armando Cortes Rodrigues datada de 2 de Setembro de 1914 em que garante que *"se há* parte da minha obra *que tenha um 'cunho de sinceridade', essa parte é… a obra de Caeiro*". O que pretendemos afirmar com estas notas é que a sinceridade que Fernando Pessoa colocou na obra de Caeiro é pouco compatível com a intenção lúdica que referiu na carta a Adolfo Casais Monteiro.

Merece finalmente referência a posição de Fernando Cabral Martins exposta de forma muito sumária na conclusão do seu estudo sobre *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lembra a importância das coincidências entre as notas biográficas de Sá-Carneiro e Alberto Caeiro elaboradas por Fernando Pessoa e que Maria Helena Garcez analisou. E acrescenta um apontamento com interesse ao afirmar "*Pauis* é um poema que Pessoa escreve exacerbando o estilo de Sá-Carneiro", o que significa que Fernando Pessoa não só terá sido um leitor atento e admirador dos escritos de Mário de Sá-Carneiro como por eles terá sido influenciado. Mas apressa-se a concordar com a tese de Maria Helena Garcez segundo a qual Caeiro foi criado contra Sá-Carneiro. E avança a hipótese de ter sido por isso que Mário de Sá-Carneiro reagiu à criação heteronímica: *"até se render sem condições às odes de Álvaro de Campos".* Para além da brevidade com que Fernando Cabral Martins aborda a questão da aproximação entre Sá-Carneiro e Alberto Caeiro, importa sublinhar que em nenhum dos tópicos enunciados fica sequer apontada a hipótese de a convivência com Mário de Sá-Carneiro e a leitura dos seus poemas, dos seus contos e das suas cartas terem decisivamente influenciado a génese de Alberto Caeiro. A referência à influência de Mário de Sá-Carneiro na escrita de *Pauis* não

vai certamente nesta direcção. Vai sim, no desejo de Fernando Pessoa em acompanhar e contribuir para a eclosão da primeira manifestação literária do modernismo emergente. Como teremos oportunidade de mostrar, foram leituras de outras obras de Mário de Sá-Carneiro que estiveram na génese de Alberto Caeiro.

3. UM MARCO NA HISTÓRIA DA GÉNESE DE ALBERTO CAEIRO: A CARTA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO DE 16 DE NOVEMBRO DE 1912. O "MÉDICO" E O "CLIENTE"

Voltemos à carta de Pessoa a Adolfo Casais Monteiro de 1935. As referências cronológicas apontadas na parte da "história directa dos heterónimos" ajudam a clarificar os elos que ligam a génese de Alberto Caeiro a Sá-Carneiro e o lento processo do seu aparecimento. Disse Pessoa:

> *"Aí por 1912, […] veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no sentido de Álvaro de Campos, mas num estilo de meia irregularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)*

Tudo começou, pois, em 1912. Fixemos a data e avancemos, lembrando que 1912 foi o ano em que Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro se conheceram. Entre o início de uma convivência literária, que rapidamente evoluiu para uma Amizade duradoura, e o aparecimento de Alberto Caeiro decorreu um tempo (recheado de acontecimentos que importa identificar porque, são inquestionavelmente relevantes para o nosso propósito) que Fernando Pessoa diz ter demorado entre ano e meio a dois anos. Retomemos o que escreveu:

> *"Ano e meio, ou dois depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucó*lico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já não *me lembro bem como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando*

um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida […] Abri com um título, "O Guardador de Rebanhos". E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. […] aparecera em mim o meu mestre."

Entre meados de 1912, em que Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro se terão conhecido, e o dia 8 de Março de 1914, em que Alberto Caeiro fez a sua "aparição", ocorreram diversos acontecimentos que importa identificar e avaliar quanto à influência que tiveram na lenta "gestação" do poeta-pastor, "guardador de rebanhos", a quem Fernando Pessoa atribuiu a notabilíssima missão de ser seu "mestre ".

Procuremos então identificar esses acontecimentos. O primeiro acontecimento que se encontra documentado é a oferta que Mário de Sá-Carneiro fez a Fernando Pessoa do livro de novelas *Princípio* com dedicatória redigida nestes termos:

"Ao querido amigo Fernando Pessoa — ao alto espírito, ao artista, ao pensador of. com um grande abraço em 29 de Agosto de 1912 Mário de Sá-Carneiro"

Os termos elogiosos e o tom afectuoso, próprios do estilo expansivo de Mário de Sá-Carneiro, denotam que o conhecimento entre os dois jovens escritores teria acontecido provavelmente no decurso de Abril ou Maio de 1912, ou seja, com antecedência suficiente para permitir ter-se gerado uma amizade forte e uma admiração intelectual firmemente expressa. Embora sem muita obra publicada, a fama de Fernando Pessoa como escritor e ensaísta corria já entre os amigos com base na sua colaboração em revistas literárias, designadamente na *Águia*, órgão oficial da "*Renascença Portuguesa"* que tinha em Teixeira de Pascoaes e Mário Pinto os mentores e protagonistas principais. É na *Águia* que, em Abril de 1912, sai a público *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*, o primeiro ensaio de Fernando Pessoa que teve um impacto assinalável. Esta colaboração com a *Águia*, que será também partilhada por Mário de Sá-Carneiro, só terminará três anos mais tarde quando foi tomada a decisão de avançar com a publicação da revista *Orpheu.*

Este primeiro período de convivência entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro terá sido intenso embora curto. De facto, no dia 13 Outubro de 1912, Mário de Sá-Carneiro partiu de comboio da estação do Rossio com destino a Paris com a intenção de se matricular no curso de Direito na Sorbonne. Sabe-se, por notícia de jornal, que entre os familiares e amigos que compareceram a despedir-se do jovem escritor esteve também Fernando Pessoa. E foi por esta circunstância que teve início a correspondência entre os dois "amigos d'alma" de que nos chegaram apenas, como é sabido, as cartas enviadas de Paris por Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa. Infelizmente, as cartas que este escreveu ao amigo terão desaparecido, pouca esperança havendo já de algum dia poderem vir a ser encontradas. As *Cartas a Fernando Pessoa* são testemunho de uma Amizade feita de confidências, de partilha de ideias e de projectos, de ressonâncias afectivas e intelectuais a acontecimentos sociais e culturais relevantes, constituindo um documento de valor ímpar, quer do ponto de vista psicológico, quer do ponto de vista literário e histórico. São elas que nos dão conta da emergência de Mário de Sá-Carneiro como poeta assim como dos primeiros planos que irão culminar, em 1915, no aparecimento de *Orpheu.* As primeiras cartas de Paris, datadas dos dois últimos meses de 1912, são imprescindíveis para o esclarecimento da questão que nos preocupa. Designadamente a carta n.º 3 com data de 16 de Novembro merece ser lida, transcrita e analisada na íntegra. Não o podendo fazer aqui, iremos seleccionar os excertos que nos parecem melhor servir o propósito de fundamentar a tese que procuramos desenvolver. É no conteúdo desta carta, assim como no da resposta que Fernando Pessoa lhe deu — e de que Mário de Sá-Carneiro se fez eco na carta seguinte de 2 de Dezembro — que consideramos ter início o longo processo de elaboração de Alberto Caeiro como "mestre de vida", "médico", terapeuta, "anjo da guarda", o companheiro de todas as confidências, ouvinte atento de todos os queixumes, o amigo compassivo de todas as inquietações, ele próprio também inquieto e em permanente estado de desassossego.

A carta começa praticamente com esta confissão directa, explícita, humaníssima:

> *"Não tenho de forma alguma passado feliz nesta terra ideal. Tenho mesmo vivido ultimamente alguns dos dias piores da minha vida […] por mil pequeninas coisas que somam um total horrível e desolador. Olho para trás, e os tempos a que*

chamei desventurados, afiguram-se-me hoje áureos, suaves e benéficos. Diante de mim, a estrada vai pouco a pouco estreitando-se, emaranhando-se, perdendo o arvoredo frondoso que a abrigava do sol e do vento. E eu cada vez mais me convenço de que não saberei resistir ao temporal desfeito — à vida, em suma, onde nunca terei um lugar."

E, logo de seguida, continua no mesmo tom:

"Vê você, eu sofro porque sinto próxima a hora em que o recreio vai acabar, em que é forçoso entrar para as aulas. […] Em suma não creio em mim, nem no meu curso, nem no meu futuro. Já tomei várias decisões desde que aqui estou e um dia senti, na verdade senti, cheio de orgulho, que me chegara finalmente a força necessária para desaparecer."

Sem prejuízo de outros comentários que teremos oportunidade de explanar mais adiante, interrompemos neste passo a citação para sublinhar que Mário de Sá-Carneiro faz aqui ao seu amigo Fernando o primeiro anúncio da intenção de se suicidar. Entre o dia em que escreveu esta carta e o dia 26 de Abril de 1916, em que Mário de Sá-Carneiro tomou irremediavelmente a decisão de desaparecer, vão decorrer três anos e cinco meses vividos numa oscilação constante de altos e baixos, de momentos exaltantes de entusiasmo pelas suas criações de génio e de momentos abissais de desolação e dor por não encontrar "um lugar na vida". De resto, numa antecipação visionária do modo como foram vividos estes anos, Mário de Sá-Carneiro descreve as oscilações dos seus sentimentos naquele dia 16 de Novembro de 1912. Retomemos a carta no ponto em que a deixámos:

"Ilusão dourada! Na manhã seguinte essa força remediável tinha desaparecido. E então decidi voltar para Lisboa, sepultar dentro de mim ambições e orgulhos. Mas não tive também força para o fazer. Sorria-me Paris e lá ao longe um fiozinho de esperança que todas as aspirações dentro de mim me fizeram ver como um facho resplandecente. Desembriagado, hoje porém observo desolado quanto esse fio é ténue. Mais uma vez fui fraco em resumo – adiei, e sempre boiando cá vou vivendo."

Posto em relevo o facto desta carta conter o primeiro anúncio da intenção de cometer suicídio, que considera um remédio, "força remediável" assim o designa, importa enunciar dois breves comentários. O primeiro para assinalar que afinal, em Paris, um ano depois de, em Coimbra, ter escrito ao Pai pedindo autorização para regressar a Lisboa por sentir não poder continuar a viver na cidade do Mondego, Mário de Sá-Carneiro confessa que em Paris "está aborrecidíssimo", "sente-se infeliz em extremo", "vivendo numa tortura constante", "sofrendo muito", "sendo a sua desolação ilimitada". E, tal como em Coimbra, abominara o curso de Direito, tendo frequentado pouco as aulas na Universidade, também em Paris pouco terá frequentado a Sorbonne: o curso de Direito continuou a não o atrair, chegando por isso a pensar regressar a Lisboa. Porque não fugiu então da Sorbonne como fugiu da Universidade de Coimbra? A resposta encontra-se também na carta. E este é o segundo comentário acima anunciado: ao chegar a Lisboa vindo de Coimbra, Mário de Sá-Carneiro apressou-se a completar o volume de contos que publicou logo em Julho de 1912 dedicando-o ao Pai como prova de que não tinha estado inactivo: *Princípio* representou não apenas o livro inaugural de uma futura carreira de escritor porque funcionou sobretudo como o produto demonstrativo do seu trabalho persistente de escrita. Agora, tendo praticamente acabado de chegar a Paris, Mário de Sá-Carneiro não tinha número suficiente de produções para publicar um novo livro e apresentá-lo como o resultado do seu esforço e da sua capacidade criativa. Era necessário esperar. Esperar que Paris lhe sorrisse e que "um fiozinho de esperança" transformasse todas as suas aspirações num "facho resplandecente". Foi o que de facto veio a acontecer: o contista continuou o seu trabalho de imaginação prodigiosa, mas a surpresa maior foi a emergência, em Março, de Mário de Sá-Carneiro como Poeta. E os doze poemas que iriam constituir um novo livro trouxe-os Sá-Carneiro na bagagem quando, em junho de 1913, deixou Paris a caminho de Lisboa. *Dispersão*, o primeiro livro de poesia de Mário de Sá-Carneiro, saiu pouco tempo depois.

Ainda no contexto desta carta fundamental, merece alguma atenção o facto de Mário de Sá-Carneiro ter chegado a colocar a hipótese de voltar para Lisboa e de esse regresso equivaler a "sepultar" dentro de si "orgulhos e ambições". Esta era uma hipótese visionária, sem dúvida, mera possibilidade aparentemente insignificante. Todavia, pensamos que o seu conteúdo não terá passado

despercebido ao destinatário da carta que nele terá notado alguma potência de vir a gerar qualquer espécie de forma existencial. Com efeito, Fernando Pessoa não pôde certamente deixar de se inquietar ao ler a carta do amigo. Ninguém fica indiferente perante uma carta tão desoladora como a que Mário de Sá-Carneiro escreveu de Paris, no dia 16 de Novembro de 1912. Dia de desolação, que ele próprio considerou ter sido "um dos dias piores da sua vida". Sabemos que Fernando Pessoa respondeu a 28 de Novembro e temos conhecimento do essencial que ele terá escrito por intermédio da carta datada de 2 de Dezembro que Sá-Carneiro lhe enviou em resposta. Estamos perante um documento cuja análise é igualmente indispensável para o nosso propósito. Depois de agradecer os "deliciosos instantes espirituais" que a leitura da carta lhe proporcionou, Mário de Sá-Carneiro escreve:

> *"[…] a sua carta confortou-me. Porque a sua carta define maravilhosamente aquilo que eu sinto. É o médico expondo ao cliente toda a engrenagem minuciosa da sua enfermidade. E como nos conforta sempre sabermo-nos compreendidos, a sua carta me confortou."*

Podemos deduzir que, além das palavras de compreensão e de conforto, Fernando Pessoa tenha dirigido ao amigo recomendações práticas que de alguma forma o pudessem ajudar a superar o estado de humor depressivo, o sofrimento interior, o sentimento de tortura constante e de extrema infelicidade que descrevera na carta anterior. Ao comparar este seu estado de espírito a uma "enfermidade" e as palavras de Fernando Pessoa às de um "médico", Mário de Sá-Carneiro revela-nos que o amigo lhe dispensou, além de uma atenção compassiva e empática de compreensão e conforto, úteis cuidados terapêuticos de apoio na situação presente e uma vigilante preocupação para o futuro. Este "ethos" terapêutico manifestado por Fernando Pessoa não irá desaparecer, sendo nossa convicção que, permanecendo de forma latente, assumiu cerca de ano e meio mais tarde uma modalidade mais subtil, menos directa, envolta em linguagem literária, não só porque a situação de Mário de Sá-Carneiro não se manifestava abertamente tão desoladora, mas também porque o próprio não falava dela senão indirectamente por intermédio da descrição literária de muitas situações e personagens das novelas que foi escrevendo ao longo de 1913. Mas Fernando Pessoa estava

vigilante e tinha já ganho experiência na arte de interpretação dos sinais crípticos das mensagens complexas e sombrias. Dito de outro modo: o processo de "gestação" de Alberto Caeiro ia avançando lentamente!

Voltemos ainda à carta de 2 de Dezembro de 1912. Para corresponder à preocupação e a prováveis pedidos de esclarecimento de Fernando Pessoa acerca da alusão que na carta anterior fizera ao desejo de desaparecer, Mário de Sá-Carneiro procura esclarecer:

> *"No "desaparecer" da minha carta havia, é certo, um revólver apontado aos ouvidos; mas havia também outra coisa. É que eu, quando busco, acho duas formas de desaparecer: uma fácil e brutal — a água profunda, o estampido de uma pistola; outra suave e difícil: o sufocamento de todos os ideais, de todas as ânsias — o despojo de tudo quanto de belo, de precioso existe em nós. Ah! quantas vezes eu tenho um desejo violento de conseguir este "desaparecimento"! Mas como? Como?"*

Não podemos deixar de registar a segunda modalidade de suicídio/"desaparecimento" que Mário de Sá-Carneiro descreve, qualificando-a de "suave" mas "difícil". Sufocar todos os ideais, todas as ânsias, despojar-se das suas potencialidades de criar beleza, sepultar ambições e orgulhos: eis uma forma de suicídio muito pouco comum, invulgar ou mesmo singular, própria de artista. Seria suave, porque artística, pura obra de arte. Mas difícil, porque significaria o desaparecimento do próprio artista. A menos que o artista se desdobrasse em dois: o *artista-artista,* que aceitasse a "morte" por despojamento dos seus sonhos e ideais, e o *artista-homem* que conseguisse viver sem uns e sem outros. Foi esta dificuldade de separação do artista e do homem — *"a tristeza de nunca sermos dois"* — que atormentou Mário de Sá-Carneiro de forma dramática. Seria esta, porém, a modalidade de "desaparecimento" a que Mário de Sá-Carneiro gostaria de poder aceder. Por isso pergunta: *"Mas como? Como?"*.

Estas perguntas não ficarão sem resposta. Alguém, hábil na arte de desdobrar a sua pessoa noutras pessoas, irá dizer como proceder para alcançar esse despojamento, esse "desaparecimento" tão desejado.

4. DO REGRESSO DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO A LISBOA, EM 1913, À FUGA PARA PARIS, EM 1914. NO MEIO, "A ESTRANHA MORTE DO PROFESSOR ANTENA" E O "APARECIMENTO" DE ALBERTO CAEIRO

Ultrapassados os primeiros meses de permanência em Paris, que a correspondência revelou terem sido críticos, seguiu-se um período bem mais feliz. Em carta de 7 de Janeiro de 1913, Mário de Sá-Carneiro prevê-o deste modo: *"… devo-lhe dizer que me parece aproximar-se uma época de energia — após tantos meses de passivismo."* A previsão saiu acertada. De facto, 1913 foi um ano de uma intensa fecundidade criadora. A correspondência entre os dois amigos fervilha de troca de produções literárias, de ideias de livros, de permuta de opiniões. De Lisboa, Fernando Pessoa envia poemas seus que Sá-Carneiro comenta, admira e elogia; por seu turno, de Paris Sá-Carneiro envia fragmentos e esboços de contos, pedindo ao amigo que lhe transmita as suas impressões. Por outro lado, 1913 é o ano em que Mário de Sá-Carneiro emerge como poeta. O primeiro poema intitulado "Simplesmente" (mais tarde mudado para "Partida") foi enviado a Fernando Pessoa na carta de 26 Fevereiro e Mário de Sá-Carneiro pede-lhe para sinceramente lhe dizer o que vale. Entretanto, continua a trabalhar na escrita de várias novelas que refere nas cartas de Janeiro e Fevereiro*: O Homem dos Sonhos, O Fixador de Instantes, Mistério, Asas*, sendo o plano confesso de Sá-Carneiro o de vir um dia a integrá-las num livro. A sua publicação irá surgir bastante mais tarde, porque a emergência da Poesia irrompeu impetuosa e *Dispersão* ganhou a dianteira. Não andaremos longe da verdade sobre o processo de irrupção da poesia em Sá-Carneiro se o virmos em íntima ligação com a escrita dos dois fragmentos *Além* e *Bailado*, o primeiro com data de Janeiro e o segundo com data de Março. Atribuídos por Sá-Carneiro ao "genial artista russo" Petrus Ivanovitch Zagoriansky, prosador e poeta, protagonista da novela *Asas*, os dois fragmentos são modelos de prosa poética, em que os dois géneros se fundem e indistinguem. A partir daí, a irrupção da poesia surgiu num movimento impetuoso ao longo do mês de Maio. Assim, no dia 1 escreveu o poema *Dispersão*, *Escavação* foi escrito a 3, *Álcool* a 4, *Estátua Falsa* a 5, *Vontade de dormir e Inter-Sonho*, a 6, *A queda*, a 8, *Rodopio* a 9, *Quase,* a 13, *Além-tédio* a 15. *Como eu não possuo* não tem data precisa de escrita, mas tanto o título, como a ideia central, são referidos na carta de 10 de Maio. Com este conjunto de poemas Mário de Sá-Carneiro tem em mãos um novo livro para publicar. Por isso, em Junho decide regressar a

Lisboa, seguro do valor do que trazia consigo. Aos amigos, aos familiares e, de forma muito especial ao Pai, podia confiadamente mostrar que os meses passados em Paris tinham sido, afinal, produtivos. Mas mesmo em Lisboa, o entusiasmo de realização e o fulgor criativo de Mário de Sá-Carneiro permaneceram imparáveis. Nos meses de Julho e Agosto, termina respetivamente as novelas *O Fixador de Instantes* e *Mistério* que são publicadas nos volumes IV e V da *Águia.* Entre 1 e 27 de Setembro escreve *A Confissão de Lúcio*, a sua novela mais extensa e a mais intensamente autobiográfica. Por esta razão, apressa — se de imediato a pô-la na Tipografia onde acaba de se imprimir a 1 de Novembro, ainda alguns dias antes de *Dispersão* sair a público. De referir que em Outubro acabou de aperfeiçoar a novela *Asas,* cuja ideia central havia esboçado na carta a Fernando Pessoa de 3 de Fevereiro, juntamente com os fragmentos *Além* e *Bailado*. Sem parar, durante o mês de Novembro escreve a novela *Eu Próprio, o Outro* e em Dezembro começa a escrever *A Estranha Morte do Professor Antena,* cuja redacção termina no final de Janeiro de 1914. À semelhança do que terá acontecido com obras anteriores, é provável que Mário de Sá-Carneiro tenha convidado os amigos para uma apresentação e leitura desta novela, não deixando de lhes pedir as suas impressões. A leitura de *A Estranha Morte do Professor Antena* terá deixado Fernando Pessoa muito preocupado com o futuro destino do Amigo. Não lhe terá passado despercebido o título de Mestre com que várias vezes Mário de Sá-Carneiro na novela se refere ao professor Antena. Esta novela confirma quer a projecção de Sá-Carneiro nos principais protagonistas das novelas anteriores quer o fim trágico de muitos deles. Perante esta verificação, a Fernando Pessoa terá certamente ocorrido a necessidade de desenvolver junto do Amigo a mesma atitude de "médico" que formulara face ao conteúdo da carta de 16 de Novembro de 1912, transcorrido quase um ano e meio. Situa-se agora a consciência da necessidade de ajuda num outro contexto, ou seja, o contexto da criação e da linguagem literárias e não o contexto do conforto de uma carta. Além disso, o facto de não existir a formulação directa de um apelo ou de pedido explícito de ajuda, torna compreensível que Fernando Pessoa sentisse que devia proceder com mais discrição (ou mesmo pudor) e que optasse por uma modalidade de comunicação diferente. O trabalho de procura da modalidade adequada ao contexto literário das "situações de sofrimento asfixiante" reveladas nas novelas terá ocupado o espírito de Fernando Pessoa durante algum tempo. A propósito, lembremos que, na carta a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa confessa ter levado alguns dias

a "elaborar" o poeta bucólico com o qual pretendia fazer uma "partida" a Sá-Carneiro. O apoio a prestar ao amigo não podia ser directo: a situação requeria uma solução contornada.

Coincidência ou não, o certo é que foi certamente por esta altura, pouco dias após a leitura de "A Estranha Morte do Professor Antena", que Fernando Pessoa escreveu a nota sobre *"A Nova Doença na Literatura Portuguesa"*, texto que se manteve inédito até 1985, ano em que Teresa Rita Lopes o publicou em *Pessoa por Conhecer.* A brevidade da nota torna paradoxalmente difícil o seu resumo, justificando a recomendação da sua leitura completa. Para o objectivo que temos em vista, importa salientar que Fernando Pessoa começa por referir que:

> *"Desde a "Degenerescência" de Nordau, a atenção de muitos críticos tem sido chamada para a existência de elementos mórbidos na literatura e, sobretudo, em certas manifestações da literatura contemporânea. Por graves que tivessem sido as críticas ao livro de Nordau, alguma coisa ficou dele e será difícil pretender-se hoje que o Simbolismo francês representa um movimento literário inteiramente são."*

E de imediato, Fernando Pessoa afirma que se o simbolismo francês é uma "manifestação mórbida" o mesmo, ou até mais, se poderá dizer do "movimento literário que presentemente se esboça em Portugal". Segundo Pessoa, trata-se de uma "escola ainda no começo", silenciosa (ou quase silenciosa), "oculta" e, apesar disso, "nitidamente caracterizada, diferente das outras". Todavia Pessoa reconhece a dificuldade em caracterizá-la não só porque poucos livros ela tem publicado, mas sobretudo porque *"é de si tão complexa, tão confusa que não há maneira de a definir".* Além de ser "complexa" e "confusa", outros atributos mórbidos da escola são o "requinte exagerado", o "abuso da "introspecção" e a "dispersão". Este último atributo, proveniente do título do livro de poesia de Sá-Carneiro, é adoptado por Pessoa, porque *"dá maravilhosamente o estado de espírito de qualquer dos adeptos da escola."*.

Cabe perguntar: quem são os adeptos da escola?

> *"O chefe de escola não sei bem quem seja, mas ou é o Sr. Fernando Pessoa ou o Sr. Mário de Sá-Carneiro. Pelo modo como os iniciados falam é o primeiro. O Sr. Fernando [Pessoa] não tem nenhum livro publicado […]. O sr. Mário de Sá-Carneiro tem três livros…"*

E a propósito de Mário de Sá-Carneiro acrescenta este apontamento merecedor de atenção:

> *"Se bem que seja fácil reconhecer quanto esta escola é doentia e perigosa, ninguém pode negar ao sr. Sá-Carneiro extraordinárias qualidades de novelista e de prosador; pena é que o enredo das suas novelas seja inacessível ao público e que o estilo em que são escritas sofra constantemente da doença da escola."*

Consideremos que a expressão "doença da escola" merece ser fixada e que a apreciação geral é sem dúvida de uma grande severidade. Fernando Pessoa reconhece isto mesmo e no final da nota procura atenuá-la, escrevendo:

> *"Não sejamos injustos. Apesar de tudo o que de doentio e de perigoso — pela facilidade com que se insinua — desta escola, forçoso é reconhecer aos seus adeptos incontestável talento e uma manifesta superioridade sobre quantos outros novos aparecem em Portugal, e talvez não só em Portugal. O que é lamentável é que a própria essência da inspiração deles seja doentia até mais não poder ser."*

Esta nota sobre "A Nova Doença da Literatura Portuguesa" tem uma ligação directa com o que Fernando Pessoa expôs na "parte psiquiátrica" da carta sobre a explicação dos heterónimos. Nela é referido o diagnóstico das características psicopatológicas que Pessoa se atribuiu a si mesmo: a "histeria" ou mais propriamente a "histero-neurastenia". É nelas que radica a tendência para a "despersonalização" e para a "simulação" que o levou, desde a infância, a conviver ficcionalmente com "amigos e conhecidos que nunca existiram." É notório que Fernando Pessoa se conhecia muito bem ou não tivesse ele estudado por sua conta e risco, sobretudo entre 1907 e 1911, obras de psicologia, de psicopatologia e de psiquiatria. Por isso, o auto-conhecimento e o auto-controlo que revela dobra-se numa valiosa explicação ou auto-análise psicológica:

> *"Estes fenómenos — felizmente para mim e para os outros — mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo."*

E logo a seguir acrescenta esta nota luminosa e diferenciadora:

> *"Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais: assim tudo acaba em silêncio e poesia…"*

Mas não nos iludamos quanto à serena tranquilidade que a parte psiquiátrica da carta a Adolfo Casais Monteiro revela. Não nos devemos esquecer que foi escrita em 1935, passados 21 anos sobre o tempo em que a elaboração dos heterónimos estava ainda em processo. Em 1914, Fernando Pessoa estava então mais inquieto, mais preocupado, sem solução à vista para esclarecer e ultrapassar não apenas a "doença da escola", mas também o que se passava consigo e sobretudo o que se passava de "errado" com Mário de Sá-Carneiro, o "amigo d'alma", relativamente ao qual nunca deixou de estar preocupado desde a carta de Paris de 16 de Novembro de 1912. Admitimos, diga-se de passagem, que a tonalidade tranquila com que Fernando Pessoa fala de si na "parte psiquiátrica" da carta não é tanto um efeito da simples passagem do tempo quanto um efeito terapêutico das lições do mestre Alberto Caeiro. Na verdade, o "nascimento" ou a "aparição" de Alberto Caeiro surge num tempo de grande complexidade e intensidade criadora, de confluência de aspirações difusas de renovação, de condensação conflituosa de confiança e de temor, de ânsias de reconhecimento, receios de fragilidades, reminiscências de medos, que, tendo vindo a acumular-se desde o final de 1913, tiveram, nos primeiros meses de 1914, o seu tempo propício de "explosão". Foi precisamente no dia 8 de Março que ocorreu a emergência de Alberto Caeiro, o tão esperado "pastor bucólico de espécie complicada" com o qual Fernando Pessoa projetava fazer "uma partida a Sá-Carneiro." E deu-lhe logo a missão de mestre, mestre de vida e mestre de um estilo novo. Ao permitir por intermédio das suas poesias a serenidade do refúgio na Natureza evitando tanto a artificiosa confusão das cidades cosmopolitas como a complexidade labiríntica do mundo interior e dos excessos de introspeção, Alberto Caeiro permitiu a Fernando Pessoa "libertar" outras forças dentro de si. Permitiu dar voz a Ricardo Reis, o poeta pagão de cultura clássica, e a Álvaro de Campos, o poeta das emoções loucas, o que nele havia de "mais histericamente histérico". E tudo isto, sem riscos de enlouquecer. É que tanto Reis como Campos

aceitaram logo Caeiro como seu mestre, que o primeiro reconheceu como *"o revelador da Realidade" "o grande Libertador que […] nos arrancou* à morte", o segundo como o "transmissor de alegria aos outros", o superador da tristeza*: "quando estou muito triste, leio Caeiro e é uma brisa. Fico logo calmo, cantante e com fé…"*.

Houvesse o que houvesse, o "guardador de rebanhos" estaria lá, como "bom pastor", para ajudar a tornar simples as contrariedades mais complexas, para ajudar a encontrar, como "bom guia", o caminho de ascensão do mais fundo dos abismos ou o rumo de saída do mais tortuoso dos labirintos.

Em suma, a missão libertadora e terapêutica de Alberto Caeiro desenvolveu-se em dois planos: no plano da Literatura e no plano das pessoas. No primeiro plano, Caeiro veio para curar a "nova doença da literatura portuguesa", permitindo por um lado que ela encontrasse um novo ambiente mais saudável, e por outro, que Fernando Pessoa libertasse novas energias criadoras como Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Pessoa ortónimo ou Pessoa ele próprio.

No plano das pessoas, Alberto Caeiro, "guardador de rebanhos", não tendo "ambições nem ânsias", aceitando a vida como ela é, permitiu ao Autor de tantos autores não se perder no labirinto do mundo interior, continuando a sobreviver sendo dois, o Artista, poeta e pensador, e o Homem, com a modesta profissão de "guarda-livros" e o misterioso destino de "guardador de papéis", onde pacientemente foi escrevendo os seus pensamentos de desassossego e deslumbramento.

Tendo encontrado o seu "mestre de vida" e o "mestre de vida" para Álvaro de Campos e Ricardo Reis, o projecto de Fernando Pessoa, persistentemente sonhado, ficaria completo se Mário de Sá-Carneiro acolhesse igualmente Alberto Caeiro como "mestre", como o "libertador" dos conflitos, o terapeuta da desolação e do mal-estar que o afligiam e de que tanto falou nas cartas e insistentemente projectou nas personagens das suas novelas. Se Mário de Sá-Carneiro aceitasse Alberto Caeiro como seu "mestre de vida" encetaria certamente uma outra "*Partida*", diferente daquela que escreveu em fevereiro de 1913 e em que considerou que tanto a Vida como a Natureza nada valem para o Artista cujo destino *"é saltar na bruma, correr no azul à busca de beleza*." Mas Mário de Sá-Carneiro não aceitou o desafio que a "partida" apresentada por Fernando Pessoa envolvia. Não ousou avançar no processo de separação do Homem e do Artista. Por isso, permanecendo convicto do destino mais "alto" e mais "raro" dos artistas, continuou a sofrer *"a tristeza de nunca sermos dois"* na porfiada ilusão

de que o sofrimento, a doença e a dor constituíam a fonte privilegiada donde brotava a força genial da criação das suas obras de Arte. Ilusão que Alberto Caeiro a seu tempo denunciou, apontando outro caminho e outra fonte para a fruição e criação de beleza. Mais uma vez Mário de Sá-Carneiro não conseguiu enfrentar as asperezas de caminhar até ao fim da ponte. Mais uma vez ficou a meio, *"qualquer coisa de intermédio."* Mais uma vez esteve "Quase". Mais uma vez recusou que nele coexistissem a relatividade da vida humana normal e a aspiração incessante de beleza absoluta. Todavia, Sá-Carneiro teve consciência do elevado custo que teria de pagar por estas opções. Previu-o logo em "Partida", o primeiro poema de *Dispersão*. Mas entre o "momento" do conhecimento de Alberto Caeiro por parte de Mário de Sá-Carneiro e o "momento" do "Fim" previsto vai decorrer um "grande intervalo" de dois anos, entre Março-Abril de 1914 e Março-Abril de 1916, anos que foram timbrados ainda por luminosos lampejos de Oiro e Além, embora vividos progressivamente em tons de "roxo". Antes de procedermos a algumas breves incursões por esses anos, consideramos inteiramente justificado, com base nas análises precedentes, apresentar, de forma breve, as duas seguintes conclusões:

1.ª) Fernando Pessoa idealizou, em grande parte, "o poeta bucólico de espécie complicada" com a finalidade de incentivar Mário de Sá-Carneiro a se abalançar a uma nova "Partida", em que o refúgio na simplicidade da Natureza constituísse fonte de sobrevivência e de reserva de energia para novos combates ainda a empreender.

2.ª) Mário de Sá-Carneiro não pôde escolher o "pastor bucólico" como seu mestre de vida, por não lhe ser possível separar-se em dois: o Homem e o Artista, porque o Artista precisava das dores do Homem para continuar a ser Artista. Por esta razão, não conseguiu reconhecer em Caeiro as potencialidades de apoio, conforto e guia que Fernando Pessoa nele encontrou. Todavia, é, sem dúvida, a Mário de Sá-Carneiro que se ficou a dever o facto de Fernando Pessoa ter tido a necessidade de proceder à laboriosa "aparição" de Alberto Caeiro, com qualidades de grande poeta intuitivo de "espécie complicada" e pensador instintivo de "verdades ocultas" e de valor universal, que Fernando Pessoa reconheceu serem também qualidades de Mário de Sá-Carneiro.

5. POR QUE RAZÃO SÁ-CARNEIRO NÃO ACOLHEU ALBERTO CAEIRO COMO "MESTRE DE VIDA"

É provável que o "poeta bucólico de espécie complicada" tenha sido apresentado por Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro apenas nos finais de Março ou inícios de Maio. Pouco tempo terão estado juntos os dois amigos para poderem ter trocado impressões sobre os poemas do "guardador de rebanhos". Com efeito, no fim de Maio, Mário de Sá-Carneiro partiu para Paris sem revelar a razão. É plausível que o tenha feito por reação emocional ao saber que o Pai havia tomado a decisão de partir em breve para Lourenço Marques onde iria ocupar o lugar de Director da Companhia de Caminhos de Ferro de Moçambique.

A partida ocorreu de facto no dia 15 de Junho e ficou assinalada por Mário de Sá-Carneiro de forma significativa, com indicação precisa da hora, em carta de Paris, datada desse mesmo dia, nestes termos:

> *"[…] apenas hoje, sozinho, o meu pai tendo partido às 12,16, começo a instalar-me em Paris"*

E logo a seguir junta o desabafo:

> *"Mas a glória de novo a encontrar e vibrar, laivada de cinzento no entretanto pela atmosfera sempre dolorosa do meu mundo interior, tem-me dispersado todos estes dias, vivendo em verdade até hoje só em metade de mim […]"*

As cartas para Fernando Pessoa voltam a fornecer-nos valiosas informações sobre os "estados de alma" e os projectos literários de autor de *A Confissão de Lúcio*. Importa-nos sobremaneira assinalar as informações que se reportam ao modo como Sá-Carneiro se vai posicionando relativamente aos heterónimos e especialmente a Alberto Caeiro. Na verdade, as referências aos heterónimos não são assim tão circunstanciais quanto possa fazer supor o ligeiro envio de "*Saudades ao nosso Alberto Caeiro"* no final da carta de 15 de Junho. Desde já se diga que não é por Alberto Caeiro que Mário de Sá-Carneiro se vai mostrar entusiasmado, nem são os seus poemas que o fazem vibrar de admiração. Pelo contrário, é por Álvaro

de Campos que ele vai manifestar um enorme apreço que expressa de forma exuberante logo no início da carta de 20 de Junho:

> *"Não sei como dizer-lhe todo o meu entusiasmo pela Ode [Triunfal] do Álvaro de Campos que ontem recebi. É uma coisa enorme, genial das maiores entre a sua obra […]. Não tenho dúvida em assegurá-lo, meu Amigo, você acaba de escrever a obra-prima do Futurismo."*

E neste contexto faz referência ao projecto de criação em Portugal de uma revista futurista cujo título seria *Europa*, a semente de que irá nascer *Orpheu*: *"Depois de tudo isto, meu Amigo, mais do que nunca urge a Europa!."*.

Mas a adesão de Mário de Sá-Carneiro a este projecto não é tanto por ele que o vislumbra quanto pelo amigo que considera merecedor de mais ampla e urgente revelação pública. É que ele — uma vez mais o confessa — não vê grande horizonte na sua vida. Envia, então, ao amigo *Distante melodia*, uma poesia que acabara de escrever, dizendo-lhe que ela traduzia o seu estado de alma actual: *"indeciso não sei de quê, artificial, morto […] capaz de esforços, mas sem os sentir."*.

E conclui assim:

> *"Cada vez, meu querido Amigo, mais me convenço de que escreverei dois livros: CÉU EM FOGO e INDÍCIOS DE OURO… Depois…? Não me vejo nesse depois…"*

Ora, era de esperar que Fernando Pessoa tivesse de novo reagido a esta manifestação de desânimo que é também um pedido de apoio moral. Não há nas cartas seguintes de Mário de Sá-Carneiro qualquer eco de reacção da parte de Pessoa que, curiosamente, terá optado por enviar para Paris algumas odes de Ricardo Reis, uma forma indirecta e subtil de lembrar ou, até mesmo, de falar de Alberto Caeiro. Na carta de 27 de Junho, Sá-Carneiro refere-se naturalmente às odes de Ricardo Reis considerando-as "*uma maravilha de impessoalidade*", melhor conseguida do que em Caeiro, porquanto, em seu entendimento, nos versos deste último "*ainda ressumava de vez em quando Mestre Fernando Pessoa*", o que não acontece nos versos de Reis. De notar que Sá-Carneiro não usa a designação de mestre para Alberto Caeiro. Mestre para ele não é Caeiro, mas sim Fernando Pessoa. Desta carta de 27 de Junho, vale a pena referir ainda mais duas notas. Uma para

lembrar que Mário de Sá-Carneiro considera muito interessante "o enredo Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos", mas apressa-se a deixar a seguinte advertência: "*será bom não nos esquecermos que toda essa gente é um só: mas tão grande, tão grande… que, a bem dizer, talvez não precise de "pseudónimos"*.

Registemos para "comentário futuro" esta expressão: *"toda essa gente é um só"*

Uma última nota para pôr em relevo o que na carta é escrito quase no final e entre parêntesis, dando a impressão de que o assunto, aparentemente de menor importância, ia ficando esquecido, vindo à lembrança mesmo antes do fim, ainda a tempo de ser referido:

> *"(É verdade: embora ache justo, confesso-lhe que tenho pena que o Caeiro não entre para o paulismo)."*

Com a expressão "toda essa gente é um só", Sá-Carneiro questiona o valor quer literário quer psicológico da "despersonalização." E com ela reitera também a sua posição, defendendo a dificuldade, que ele considera intrínseca ao Artista, em separar ou diferenciar no seu Eu "personagens" com funções distintas. Nele essa dificuldade é real: o Artista e o homem não conseguem separar-se. Nunca serão dois. E defende que o mesmo se passa com Fernando Pessoa: o disciplinado horaciano Reis, o "maquinado" futurista Campos, o pastor místico Caeiro são todos eles "personagens" saídos da imaginação criadora do grande Artista Fernando Pessoa. Por conseguinte, Sá-Carneiro não concebe que ao personagem Caeiro seja atribuída uma função diferente da dos outros personagens, função que saísse fora do universo da Arte. Caeiro era para Sá-Carneiro tão artista como Campos ou como Reis. Por isso, lastima que Caeiro fique de fora do paulismo, "embora ache justo". Podemos perguntar: O que quer isto dizer? É difícil, se não mesmo impossível, saber ao certo o que Fernando Pessoa escreveu no referido "enredo". Mas podemos conjecturar. É possível, com alta probabilidade, que Fernando Pessoa tenha escrito que os poemas de Alberto Caeiro eram de uma índole diferente dos de Álvaro de Campos e de Ricardo Reis, que se situavam num outro plano, que teriam uma outra finalidade, outra missão, de natureza mais pessoal e não tanto focada na sua inclusão em qualquer movimento literário como o paulismo. Será certamente por esta razão que Fernando Pessoa não os integra nesse movimento (do mesmo modo que, meses mais tarde, não irão aparecer no *Orpheu*). Ao lamentar a decisão do amigo, Mário de Sá-Carneiro

manifesta que não se identifica com ela e não reconhece nem a diferenciação nem a missão especial que Fernando Pessoa atribui a Alberto Caeiro. Podemos dizer que a partir deste momento vai verificar-se uma bifurcação nos caminhos de evolução psicológica que os dois amigos vão seguir. Fernando Pessoa vai conciliar cada vez mais as complexidades e desassossegos da sua existência inquieta com a saída fora de si mesmo, exilando-se no mundo exterior em convívio com as coisas simples da Natureza. Por isso, para ele Alberto Caeiro é cada vez mais o seu guia, o pastor dos seus pensamentos, o seu "mestre de vida". Pelo contrário, Mário de Sá-Carneiro vai fechar-se cada vez mais em si mesmo, exilando-se não para fora, mas para dentro do seu mundo interior, vai passar a viver "embalsamado", *"com a alma amortalhada, seguinha dentro de si"*. Mário de Sá-Carneiro não reconheceu Alberto Caeiro como guia de refúgio, como terapeuta da sua solidão, ou como "médico" a quem pudesse recorrer para apresentar as suas queixas e para pedir ajuda. Para Mário de Sá-Carneiro é Fernando Pessoa, o pai de "Caeiro & Cª", quem continuava a desempenhar as funções de confidente, de orientador e de apoio emocional. É precisamente o que nos revela, de forma impressionante e muito significativa, a longa carta de 13 de Julho de 1914.

No contexto das expressões de admiração pelas *Odes*, que considera das obras maiores de Fernando Pessoa, Sá-Carneiro escreve:

> *"[…] toda esta sumptuosidade e depois a grande alma que você é fazem-me ser tão seu amigo, quanto eu possa ser de alguém: encher-me de ternuras, gostar, como a meu pai, de encostar a minha cabeça ao seu braço — e de o ter aqui ao pé de mim, como gostaria de ter o meu Pai […]"*

A lembrança do Pai alarga-se a outras figuras com fortes vínculos afectivos como a velha Ama, mas também a animais e objectos que na sua infância lhe terão feito companhia e ajudado a suportar o vazio da sua solidão. E por associação, vem a dolorosa confidência:

> *"Creia, meu querido Fernando Pessoa, percamos por completo as ilusões: eu toco o fim […] Acabei já — acabei após a minha chegada aqui. Hoje sou o embalsamento de mim próprio […]. Estados de alma, ânsias, tristezas, ideais, grandes torturas de que saíam os meus livros tudo isso acabou. Ilusões de glória, de "espanto" já não existem em mim."*

O caracter incisivo e a lucidez da análise são impressionantes. De realçar a referência à origem dos seus livros: todos eles provieram dos seus "estados de alma, ânsias, tristezas, ideais, grandes torturas", enfim da Dor persistente que sempre o acompanhou. Desfeito o encanto que as envolvia, sem ilusões acerca das potencialidades de mobilizar o entusiasmo que elas geravam, Sá-Carneiro confessa ter acabado o seu ciclo criador, confirma o movimento de "fechar portas", já anteriormente anunciado, que designa agora por "embalsamento" e inicia um processo psicológico de regressão. É este processo que ele reconhece e exprime na carta deste modo:

"[…] depois eu sou uma criança — tantas vezes lho gritei — e a criança hoje vê a sua idade terminada — bem terminada, terminada há muito, mas só hoje, depois da partida do meu Pai para África, da casa desfeita, terminada em ilusão. Para trás de mim existe o irremediável, o que nunca mais, nunca mais se pode repetir mesmo em miragem."

E a descrição do processo regressivo continua assim:

> *"Meu Amigo: nunca mais terei quem arrume a minha roupa nas gavetas, e quem de noite me aconchegue a roupa… alguém que faça isto e tenha assistido à minha infância… Estou só — dos outros — só de mim para sempre."*

No contexto desta situação desoladora, de tão sincero "descalabro de alma" e tão intensivo retorno à infância, o futuro literário de Mário de Sá-Carneiro não podia ter uma perspectiva temporal muito alargada. E uma vez mais confirma isso ao dizer que nesse futuro conta concluir *A Grande Sombra* para completar o livro de novelas *Céu em Fogo* e escrever mais uma ou outra novela — só uma — e algumas poesias. E esclarece que tudo o que possa vir a fazer será porque "já está feito", "feito em alma antes do fim". Vale a pena ouvi-lo de novo em voz directa:

> *"Meu amigo, creia-me, tudo quanto doravante eu hoje escrever são escritos póstumos. […] Não lhe dizia tanta vez que não me "via" com uma obra muito longa? Entretanto, qual será o meu fim real? Não sei. Mas, mais do que nunca acredito, o suicídio… pelo menos o suicídio moral… Acabarei talvez em corpo exilado da minha alma! Mas creio menos nesta hipótese."*

O "fim real" ficava claramente anunciado. A hora, porém, ainda não havia chegado. Entre o dia 13 de Julho de 1914, em que esta carta foi escrita, e o dia 26 de Abril de 1916, Mário de Sá-Carneiro vai viver uma existência a prazo, sem ilusões, sem ânsias, sem o brilho do ouro dos seus antigos entusiasmos. Para este viver "embalsamado" não pôde afinal socorrer-se do apoio de Alberto Caeiro, que tinha sido intencionalmente "pensado e elaborado" para o ajudar neste trânsito. Por esta razão, foi novamente em Fernando Pessoa que Mário de Sá-Carneiro se apoiou. E novo pedido de ajuda seguiu ainda nesta carta, com formulação significativa:

> *"[…] e já agora, peço-lhe, fale longamente de tudo quanto lhe digo de mim… Assim me dará uma ilusão: a ilusão da sua companhia e, não lhe sei explicar porquê, a ilusão de que ainda me interesso por mim…"*

Fernando Pessoa não lhe faltou. Terá certamente compreendido que a "brincadeira" de criar Alberto Caeiro para o apresentar a Sá-Carneiro não resultara. O poeta "guardador de rebanhos" não se adequava nem à estrutura psicológica nem ao projecto literário de Sá-Carneiro, mas continuaria a ser o "mestre de vida" do seu próprio criador. Se Mário de Sá-Carneiro compreendeu as diferenças de sensibilidade entre ele e o amigo, o mesmo aconteceu com Fernando Pessoa. Fernando Pessoa terá deixado de falar de Alberto Caeiro, mas os pedidos de Mário de Sá-Carneiro não deixaram de ser correspondidos. Fernando Pessoa continuará a falar-lhe dos escritos que Sá-Carneiro lhe enviava, continuará a dizer-lhe que "gosta do que ele escreve" e continuará a remeter-lhe obras suas para que Sá-Carneiro as comente. Este persistente diálogo intelectual, esta intensa permuta de ideias e de planos literários, e designadamente as tarefas respeitantes à elaboração de *Orpheu*, prosseguidas pelo grupo da "escola de Lisboa" de que Sá-Carneiro e Pessoa eram os chefes de fila, constituíram o grande "suporte de vida" de Mário de Sá-Carneiro entre os três últimos meses de 1914 e primeiros sete meses de 1915. Apesar de *Orpheu* não ser uma obra exclusivamente sua, um livro seu como *Princípio*, *Dispersão* ou *A Confissão de Lúcio*, que pudesse oferecer com dedicatória ao Pai como produto objectivo do seu trabalho, certo é que Mário de Sá-Carneiro sentia orgulho pela publicação de *Orpheu*, partilhando alegrias, entusiasmos e novos planos com Fernando Pessoa. E *Orpheu* tinha condições para continuar a ser um pilar fundamental do seu "suporte de vida", embora "vida

embalsamada". De facto, publicados o *Orpheu 1* e o *Orpheu2*, a elaboração do *"Orpheu 3"* estava em bom andamento e a sua saída estava anunciada para Outubro. Apesar das dificuldades decorrentes da nova, apressada e inexplicada fuga de Sá-Carneiro para Paris, os trabalhos de composição foram avançando e *Orpheu 3* estava pronto para "entrar nas máquinas" da tipografia, com o "Sumário" ou índice que Sá-Carneiro enviou ao "amigo d´alma" em carta de 31 de Agosto. Mas no dia 13 de Setembro anunciou ao amigo a má notícia: *"[…] temos desgraçadamente de desistir do nosso Orpheu"*.

E de imediato, Sá-Carneiro acrescenta: *"Todas as razões lhe serão dadas melhor pela carta do meu Pai que junto incluo e que lhe peço não deixe de ler. Claro que é devida a um momento de exaltação. No entretanto cheia de razões pela conta exorbitante que eu obrigo o meu Pai a pagar […]"*.

E mais adiante:

> *"A morte do Orfeu você atribua-a unicamente a mim, explique que eu em Paris me não quero ocupar do Orfeu — que sou o único culpado. Desculpe-se enfim comigo perante todos quantos lhe perguntarem pela revista. Mais uma vez lhe peço perdão e lhe suplico que não se aflija demasiadamente. Em todo o caso sempre se fizeram dois números. Mais vale pouco que nada."*

Muito embora lamentando a desistência (*"que lindo Orfeu 3 podíamos fazer"*! *Que desgraça tudo isto!),* Mário de Sá-Carneiro considera não haver outro caminho senão o da resignação.

Mas o caminho da resignação foi bem mais doloroso para Mário de Sá-Carneiro do que para Fernando Pessoa. Fernando Pessoa, guiado pelo seu pastor e terapeuta, vai continuar a refugiar-se no seu natural espaço metafísico, cuidando dos seus pensamentos que vai guardando no *Livro do Desassossego*.

A resignação de Mário de Sá-Carneiro agravou de forma acentuada o movimento regressivo de retorno à infância que a partida do Pai para África despoletara havia um ano antes. Não podemos deixar de reconhecer nas palavras de Sá-Carneiro que a carta do Pai, e tudo o que de duro e crítico nela terá dito, impos quase a sua presença física como factor determinante da posição de Mário de Sá-Carneiro. Não tem outra saída que não seja obedecer. Revoltar-se? Fugir de

casa? Avançar na ponte até ao fim e enfrentar o Pai, rompendo com a segurança afectiva que desde a infância lhe fora dada? Impossível. Vinculado afectivamente à infância, não conseguiu ou não ousou, por *falta* de condições relacionais, separar-se dela. Por ela se apaixonou, nela viu o seu tesouro, o ouro de que foi alimentando a sua obra. O Pai fazia parte deste universo de protecção e segurança afectiva. Mas se alguma discreta reserva ou leve crítica formulava, Mário de Sá-Carneiro tinha na produção e oferta dos livros que ia publicando o instrumento de compensação do sentimento de inferioridade por suposta falta, de atenuação de íntima culpabilidade e sobretudo de apelo ao reconhecimento de algum valor. No dia em que o Pai declarou de forma significativa o afastamento, sabemos como Sá-Carneiro reagiu. E essa mesma reacção vai repetir-se agora. O afastamento, declarado desta vez por escrito e à distância, aparece a Mário de Sá-Carneiro como ainda mais incisivo e doloroso. Sente que não vale a pena escrever mais livros para mostrar ao Pai o fruto do seu esforço, do seu trabalho e do seu valor. O que significa para ele que a sua obra acabou. E com a sua obra, acabou também a sua vida. O caminho não podia ser outro senão o do desaparecimento há muito previsto e anunciado. Um desaparecimento que, na carta de 27 de julho de 1913, constitui ainda o tema literário central da novela "Mundo Interior", que vai ficar inacabada. Descreve-o nestes termos:

> *"O narrador […] trava conhecimento no café com um homem que lhe fala só da sua alma e lhe conta como viaja no seu mundo interior. Um dia esse homem desaparece."*

Perante o estranho desaparecimento, a explicação que é dada à polícia é a de o companheiro ter desaparecido no seu próprio mundo interior, acentuando o inconveniente *"de ser complicado de mais, de ter psicologia a mais, de pensar de mais sobre si próprio"*. Estas "razões", que Sá-Carneiro aponta para explicar ou justificar o seu desaparecimento, abrem um outro plano de análise que se situa no campo da antropologia psicológica e que requer uma investigação distinta da que estamos a proceder. Importa apenas mencionar que esse plano de análise terá por foco a configuração estrutural das relações interpessoais constituintes da personalidade humana, da sua evolução ou passagem, lenta e complexa, por fases diferenciadas, e do seu desenvolvimento e afirmação como "Ser Outro", "Eu" separado de outros "Eus", alteridade individual autónoma, embora situada no

contexto das suas raízes históricas, das circunstâncias do presente e dos desafios, sonhos e projectos de construção do futuro. É a travessia desta configuração estrutural constituinte da personalidade que cada ser humano tem necessariamente de realizar, travessia difícil, problemática, contingente e por vezes imprevisível, que dá à referida configuração o carácter de estrutura *singular* e simultaneamente *universal*. É no vasto âmbito desta complexa temática psico-antropológica que se situa "a psicologia a mais", o "pensar de mais sobre si próprio" que caracteriza do ponto de vista temático a obra de Mário de Sá-Carneiro. E radica aqui o seu valioso contributo para o movimento modernista na medida em que, como outros estudos já explicitaram, uma das características fundamentais do Modernismo consiste na deslocação do interesse sobre os mistérios da Natureza, próprio do romantismo, para o interesse sobre os mistérios do "Eu" e do psiquismo humano. Com efeito, do ponto de vista do *conteúdo* o modernismo alarga fronteiras temáticas e ousa a liberdade de enfrentar, explorar e exprimir realidades que até então tinham sido pouco afloradas pela Literatura. E em lugar dominante surge a realidade complexa do EU, do "mundo interior", com os seus labirintos, as suas sombras, incertezas e perplexidades, mas também com a consciência da força criadora dos seus talentos, dos seus sonhos e ideais de Beleza. O "homem-artista" defronta-se com as suas fragilidades "demasiado humanas", a sua singularidade, a sua solidão e a sua tristeza, mas ao mesmo tempo reconhece as suas potencialidades de criador de Arte, e toma esta realidade complexa como *conteúdo* das suas indagações, procurando por meio delas "aumentar" não apenas o conhecimento de si mesmo, mas também "a autoconsciência humana", ou seja, a "autoconsciência" da complexidade, das flutuações e da diversidade da vida humana. Proceder à tentativa ou ensaio de compreensão da obra de Mário de Sá-Carneiro nesta perspectiva psico-antropológica não pode de modo alguma ser acusada de "psicologismo" ou de "reducionismo psicológico". Pelo contrário, trata-se de respeitar de forma objectiva a realidade do conteúdo da obra. Não se trata de modo algum aplicar conhecimentos de psicologia à interpretação da vida e da obra de Sá-Carneiro. Ao invés, é a psicologia que tem muito a aprender com as indagações psicológicas que ele empreendeu. E também com as indagações psicológicas de Fernando Pessoa. De resto, importa dizer que Fernando Pessoa intuiu ser este um dos caminhos-chave para a compreensão da obra de Mário de Sá-Carneiro ao afirmar que órfão de

Mãe aos dois anos, a obra de Sá-Carneiro se caracterizava por uma grande desumanidade. Afirmação que requer um trabalho de hermenêutica ainda por fazer, uma tarefa sem dúvida motivadora e aliciante.

(Comunicação apresentada à classe de letras
na sessão de 26 de maio de 2016)

REFERÊNCIAS

Caeiro, A., *Poesia.* Fernando Cabral Martins e Richard Zenith (Eds.). Lisboa, Assírio e Alvim, 2001.

Campos, A. *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro.* Lisboa, Editorial Estampa, 1997.

Dias, M. T., *Mário de Sá-Carneiro, Fotobiografia.* Quimera Editores, 1988.

Galhoz, M. A., Prefácio a *Céu em Fogo* de Mário de Sá-Carneiro. Lisboa, Edições Ática, 1956.

Galhoz, M. A., O Momento Poético do *Orpheu*, prefácio a *Orpheu.* Vol. I, 2.ª reedição, Lisboa, Edições Ática, 1971.

Galhoz, M. A., Para uma diversidade na História do *Orpheu*, introdução a *Orpheu.* Vol. II, 2.ª reedição, Lisboa, Edições Ática, 1976.

Garcez, M. H. N., Fernando Pessoa, leitor de Mário de Sá-Carneiro. *Remate de Males*, Campinas, (8), pp. 9-15, 1988.

Lopes, T. R., Notas prévias a Álvaro de Campos, *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro.* Lisboa, Editorial Estampa, 1997.

Martins, F. C., *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro.* Lisboa, Imprensa universitária – Editorial Estampa, 1994.

Martins, F. C. (1994). A noção das coisas. Posfácio a Caeiro, Alberto (2001). *Poesia.* Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa, Assírio e Alvim.

Monteiro, A.C., *Poesias de Fernando Pessoa. Introdução e Selecção de Adolfo Casais Monteiro*. Editorial Presença, 3.ª edição, Lisboa, 2006.

Orpheu. Vol. I, 2.ª reedição, Lisboa, Edições Ática, 1971.

Orpheu. Vol. II, 2.ª reedição, Lisboa, Edições Ática, 1976.

Pessoa, F., Carta de Fernando Pessoa sobre a génese dos Heterónimos *in* Monteiro, A.C., *Poesias de Fernando Pessoa. Introdução e Selecção de Adolfo Casais Monteiro*. Editorial Presença, 3.ª edição, Lisboa, 2006, pp. 203-211.

Pessoa, F., *Escritos sobre Génio e Loucura.* Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

Pessoa, F., A Nova Doença da Literatura Portuguesa *in* Fernando Pessoa, *Escritos sobre Génio e Loucura.* Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

Pessoa, F./Caeiro, A., *O Guardador de Rebanhos.* Famalicão, Editora Centro Atlântico, 2014.

Pizarro, J., *Fernando Pessoa: entre Génio e Loucura.* Tomos I e II. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

Reis, R., Prefácio de Ricardo Reis *in* Alberto Caeiro, *Poesia*. Lisboa, Assírio e Alvim, 2001.

Sá-Carneiro, M., *A Confissão de Lúcio.* Lisboa, Editorial Ática, 1945.

Sá-Carneiro, M., *Poesias.* Lisboa, Edições Ática, 1953.

Sá-Carneiro, M., *Céu em Fogo.* Lisboa, Edições Ática, 1956.

Sá-Carneiro, M., *Cartas a Fernando Pessoa.* Vol. I e II, Lisboa, Edições Ática. Lisboa, Edições Ática, 1958,1959.

Simões, J. G., Estudo crítico a *Poesias* de Mário de Sá-Carneiro, 1953.

Sinde, P., A arte de ver. Terapia da alma. Prefácio a Fernando Pessoa/Alberto Caeiro. *O Guardador de Rebanhos.* Famalicão, Editora Centro Atlântico, 2014.

Zenith, R., Caeiro triunfal. Posfácio a Alberto Caeiro. *Poesia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa, Assírio e Alvim, 2001.

A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.